
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

Teano a Eurídice e Nicóstrate

Theano to Eurydike and Nikostrate

Carolina Araújo*

 <https://orcid.org/0000-0001-6144-8077>

Resumo: Este artigo traduz e analisa duas cartas classificadas como pseudepígrafe pitagórica, atribuídas a Teano e dirigidas a Eurídice e Nicóstrate, que têm como tema o adultério do marido da destinatária. Defendo que a primeira é uma breve nota motivacional em uma situação de risco de suicídio e que a segunda é um discurso protréptico que, aliando censura e admoestação, explicita algumas das premissas da primeira carta. Os documentos demonstram a figura de autoridade de Teano como filósofa na antiguidade, cujas ideias consistem na reivindicação da agência feminina para a virtude, entendida como a contribuição pessoal ao desenvolvimento de um ambiente harmônico. Concluo que os seus argumentos devem adequar-se à situação da interlocutora e que eles visam a uma redefinição da instituição do casamento.

Palavras-chave: Teano; Pitagorismo; Filósofas; Pseudepígrafe; Cartas Antigas.

Abstract: *This article translates and analyzes two letters classified as Pythagorean pseudepigrapha, attributed to Theano and addressed to Eurydike and Nikostrate, which have as subject the adultery of the addressee's husband. I claim that the first is a brief motivational note in a situation of suicide risk and that the second is a proleptic speech which, combining censure and admonition, spells out some of the premises in the first letter. The documents demonstrate Theano's authority figure as a woman philosopher in antiquity, whose ideas consist of asserting female agency for virtue, understood as the individual's contribution to*

*Professora Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica (PPGLM-UFRJ), pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e Cientista do Nosso Estado (Faperj). Coordena o projeto de extensão "Quantas Filósofas?", é membro e administradora da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e co-editora da Enciclopédia Mulheres na Filosofia. E-mail: correio.carolina.araujo@gmail.com.

the development of a harmonious environment. I conclude that her arguments must fit the situation of the interlocutor and that they aim at a redefinition of the institution of marriage.

Keywords: *Theano; Pythagoreanism; Women Philosophers; Pseudepigrapha; Ancient Epistles*

Para Cristiane Azevedo

O presente dossiê apresentou-se com uma proposta de deixar as mulheres da antiguidade falarem por elas próprias. Das fontes que temos, são raras as que nos permitem isso: as informações que nos chegaram sobre as mulheres antigas nos foram transmitidas em esmagadora maioria pela pena de homens. Mais raras ainda são fontes que nos permitem o acesso à voz de filósofas. Além de poucas, essa autoria é controversa. O que proponho neste artigo é analisar duas dessas fontes: as cartas de Teano a Eurídice e a Nicóstrate. Eu começo tratando da controvérsia sobre a autoria gerada pela natureza desses documentos, hoje amplamente considerados como pseudépígrafe pitagórica, e do que significa atribuir tais textos a Teano. A segunda seção apresenta a carta de Teano a Eurídice (a partir daqui referida como TE) acompanhada de um pequeno aparato com as variações das edições modernas, da qual ofereço uma tradução – ao que eu saiba, a primeira em língua portuguesa. Analiso seu estilo, de cunho motivacional, e mostro que seus argumentos defendem uma determinada prática da virtude. A terceira seção, sobre a carta de Teano a Nicóstrate (a partir daqui referida como TN), segue o mesmo padrão. Em minha análise mostro que o seu estilo é refutativo protréptico, o que lhe permite justificar as admoestações presentes em TE a partir de argumentos mais detalhados em defesa da mesma prática de virtude. Minha conclusão diz respeito à representação antiga de Teano como filósofa. Ela consiste na defesa de uma concepção de virtude como harmonia, que compatibiliza uma ética do florescimento humano com certos deveres sociais, da qual se infere o imperativo da agência feminina e da redefinição da instituição do casamento, que naquele contexto tomava as mulheres como objetos de posse.

Teano e a pseudepígrafe pitagórica

Teano é o nome da filósofa antiga por excelência. Note-se o caso de Nicéforo Gregoras que, ao elogiar a imperatriz Eudóxia Macrembolitissa porque “conhecia muitos assuntos e, em conversas, transmitia com facilidade e oportunidade ideias de todos os tipos, as que ela mesma havia lido, bem como aquelas que ouvira de outros”, conclui: “de modo que bem poderia ser chamada de uma outra Teano pitagórica”¹. Clemente de Alexandria cita Dídimos, em *Sobre a Filosofia Pitagórica*, para afirmar que “Teano de Crotona foi a primeira das mulheres a filosofar e a escrever poemas”².

Teano, a pitagórica, é membro de destaque da comunidade de Crotona no século VI AEC, tendo sido, segundo a maior parte das fontes, esposa do próprio Pitágoras³. Há um material formidável transmitido sob seu nome – fragmentos, apotegmas, doxografias, relatos e cartas – que hoje é considerado pseudepígrafe. Segundo a narrativa predominante entre especialistas⁴, a partir do século I AEC, uma leitura pitagorizante de Platão, encontrada em autores como Eudoro de Alexandria, Alcino e Numênio de Apameia, rouba a cena intelectual e estimula um interesse por obras dos primeiros pitagóricos. Dada a ausência de tal material, ocasião se fez para um mercado de textos falsos, cujo conteúdo fortalecia a tese de que doutrinas pitagóricas e platônicas se mesclavam a ponto de serem indiscerníveis. Nesse cenário, o nome de Teano teria uma função estratégica: conciliar a famosa tese platônica de que algumas mulheres também têm capacidade para a filosofia⁵ com a regra de vida pitagórica que exige o casamento monogâmico⁶. Embora essa seja a tese predominante hoje, há intérpretes que defendem a autoria autêntica de uma outra Teano que teria vivido no

¹*História Bizantina*, 1.294, 3-6.

²*Miscelâneas*, I. 16. 80.4, 1-3.

³Diógenes Laércio, *Vidas*, VIII, 42,1, Eusébio, *Preparação Evangélica*, X, 14, 14, 3; Teodoreto, *Cura das enfermidades gregas*, II, 23.1-2, Jâmblico, *Vida Pitagórica*, 36.265, 5; Ateneu, *Banquete dos sábios*, XIII, 71, 85-86; Júlio Pólux. *Onomástico*. 10.21.7; Suda, s.v. *Pitágoras*, pi 3120, 10-11, Suda, sv. *Teano*, theta 84, 1-2, *Escólio à República de Platão*, 600b9.

⁴Cf. ZELLER, Eduard. *Die Philosophie der Griechen in Ihrer geschichtlichen Entwicklung*. 2a ed. Leipzig: Resiland, 1868. v. 3, 2, p. 83-84; THESLEFF, Holger. *Introduction to the Pythagorean Texts of the Hellenistic Period*. Åbo: Åbo Akademi, 1961, p. 106; BONAZZI, Mauro. “Eudorus of Alexandria and the Pythagorean Pseudepigrapha”. In: CORNELLI, Gabriele; McKIRAHAN, Richard; MACRIS, Constantinos (org.). *On Pythagoreanism*. Berlin: Walter De Gruyter, 2013, p. 385-404 (cf. p. 385); CENTRONE, Bruno. “The Pseudo-Pythagorean Writings”. In: HUFFMAN, Carl A. (ed.). *A History of Pythagoreanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 315-40 (cf. p. 315).

⁵Cf. Platão, *República*, 456a.

⁶Cf. Jâmblico, *Vida Pitagórica*, 27, 132. 1-14 abaixo.

período helenístico⁷. Em última análise, é impossível provar que isso seja certo ou errado. Considero, todavia, que é pouco provável que essa outra autora pudesse ocupar o lugar de filósofa exemplar que vemos em Nicéforo e Clemente. E essa posição de autoridade é central na lógica da composição epistolar.

As cartas da antiguidade que nos chegaram são documentos públicos, feitos para circular e, provavelmente, para serem lidos coletivamente em voz alta, de modo que, em sua maioria, seus “leitores” eram ouvintes. Nesse contexto, a performance de leitura das cartas reproduz o diálogo remetente/destinatário no qual o texto tende a desempenhar funções educacionais – exemplares, apologéticas ou admoestativas. Assim, o signatário está em geral em posição de autoridade⁸, ele é aquele que deve ser ouvido. Isso não implica que tais signatários sejam de fato os autores dessas cartas, muito pelo contrário. Eles são apenas aqueles a quem se pretende atribuir tais ideias. Tampouco isso implica que os ouvintes sejam enganados por essa “falsa” autoria: é bem plausível que na leitura das cartas o público se comporte exatamente como a plateia de um espetáculo teatral que espera ver em cena um personagem fictício⁹. Com isso em mente, entendemos por que, por um lado, é impossível saber o sexo desses autores¹⁰ e que, por outro, isso é irrelevante. O que é relevante é que a antiguidade, helenística ou ainda posterior, viu em Teano alguém em posição de autoridade filosófica¹¹, e é dessa representação que pretendo tratar aqui.

⁷WAITHE, Mary Ellen. *A History of Women Philosophers: Vol. 1, Ancient Women Philosophers, 600 B.C.–500 A.D.* Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1987, p. 41; POMEROY, Sarah. *Pythagorean Women: Their History and Writings.* Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2013, p. 41. Teano é um nome feminino recorrente na Grécia, de Homero – em que este é o nome da única sacerdotisa mencionada tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia* – aos nossos dias. Nagy (NAGY, Blasé. “The Naming of Athenian Girls: A Case in Point”. In: *Classical Journal*, v. 74, 1979, p. 360-364), que elenca onze inscrições referentes a mulheres com este nome, cinco delas sacerdotisas, sugere que este era um nome escolhido por pais que desejassem sua filha identificada com essa função (*ibidem*, p. 363-364). Por essas razões, não é evidente que qualquer menção do nome “Teano” se refira à esposa de Pitágoras. A *Suda*, por exemplo, lista três Teanos, uma de Metaponto ou Thuri, uma de Creta e outra de Lócris (*Suda*, sv. *Teano*, Θ 83-85). As fontes, portanto, não atestam que todas as ocorrências desse nome se referem à filósofa. Ao contrário, elas atestam que, quando se trata de mencionar uma filósofa exemplar, é o nome da esposa de Pitágoras que é lembrado.

⁸Cf. ROSENMEYER, Patricia A. *Ancient Epistolary Fictions: The Letter in Greek Literature.* Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 198.

⁹*Ibidem*, p. 195-196.

¹⁰Cf. HUIZENGA, A. B. *Moral Education for Women in the Pastoral and Pythagorean Letters.* Leiden: Brill, 2013, p. 116-117.

¹¹Cf. MEUNIER, Mario. *Femmes pythagoriciennes: Fragments de lettres de Théano, Périctioné, Phintys, Mélissa et Myia.* Paris: L'Artisan du livre, 1932, p. 30; STÄDELE, Alfons. *Die Briefe des Pythagoras und der Pythagoreer.* Meisenheim am Glan: Hain, 1980, p. 288; HUIZENGA, 2013, p. 78.

Como já apontado, rejeito que se trate de outra Teano que não a pitagórica. Estou confortável com a tese da pseudepígrafe, porém não vejo razões suficientes para negar que esse material se baseie – mais ou menos literalmente – nas obras de Teano que circularam na Antiguidade, das quais temos notícia¹². Ao contrário, vejo que a coerência com informações vindas de alhures é central para a experiência da leitura das cartas há pouco descrita: é dessa coerência que vem a posição de autoridade de Teano. Não termos acesso direto ao que Teano escreveu apenas a coloca na mesma posição que vários outros filósofos da antiguidade, de Sócrates a Zenão de Cítio, cuja contribuição intelectual nós ainda assim podemos identificar por via indireta. Por isso, parece-me bem mais interessante partir da premissa de que as fontes contêm, sim, informação relevante sobre Teano, mesmo que elas sejam emolduradas por opiniões de seus autores: *si non è vero, è molto ben trovato*. Se o problema pode ser colocado nesses termos, meu objetivo é descrever o que a antiguidade entendeu como sendo a figura emblemática da filósofa.

Huizenga¹³ argumenta que as cartas de Teano foram forjadas com o objetivo de exortar um público leitor feminino a uma educação moral cuja finalidade estaria no excelente desempenho das funções da administração doméstica. Nessa linha, as cartas são vistas como mecanismos de cooptação da tradição filosófica para conservação da posição tradicional das mulheres em um sistema patriarcal. Eu gostaria de propor que TE e TN não se encaixam nesse padrão. Pretendo mostrar que encontramos nesses documentos uma tentativa de redefinir certas estruturas do casamento de modo a tornar essa instituição menos opressiva às esposas¹⁴. Nesse sentido, os textos interessam a um público de ambos os sexos e, à medida que enfatizam que é ao marido adúltero que cabe a mudança de atitude, visam prioritariamente à educação moral de homens. É por isso que a filosofia se torna importante: Teano tem posição de autoridade para um público de leitores/ouvintes masculino porque é filósofa.

¹²Em um dos verbetes ‘Teano’, a Suda cita como títulos das obras *Recordações Filosóficas*, *Apótegmata* e um poema épico; em outro, os títulos são *Sobre Pitágoras*, *Sobre a Virtude* (a Hipodamo de Turi), *Conselhos às Mulheres* e *Apótegmata Pitagóricos* (Suda, sv. *Teano*, © 83,84).

¹³HUIZENGA, 2013, p. 12, 15.

¹⁴A posição social da esposa, qualificada como cidadã e legítima produtora de herdeiros, é uma premissa constitutiva destes dois textos. Eles não colocam a ordem social em questão quando se trata, por exemplo, da monogamia, da organização do trabalho doméstico, da escravidão e mesmo de toda a questão da prostituição que emoldura a discussão.

Antes de passar aos textos, faço uma breve nota sobre as suas fontes. TE nos chegou por um único manuscrito, o *Vaticanus Graecus 578*, que traz quatro cartas atribuídas a Teano¹⁵. TN nos chegou em uma coleção, totalmente distinta da anterior, de três cartas de Teano que está disponível em 26 manuscritos, em muitos dos quais é acompanhada por duas cartas de outras pitagóricas¹⁶. Esse último conjunto se destaca em meio a toda a epistolografia antiga que nos chegou por ser o único constituído apenas por remetentes e destinatárias do sexo feminino. Huinzega¹⁷ vê nisso razão para que os dois grupos de cartas de Teano sejam analisados separadamente, uma vez que esse diálogo entre mulheres corrobora seu argumento de que o público visado é especificamente feminino. Städele¹⁸, ao contrário, enfatiza a proximidade temática, argumentativa e metodológica de TE e TN, o que me parece uma abordagem bem mais frutífera, como passo a mostrar.

Teano a Eurídice

O texto citado e traduzido a seguir é o editado por Städele¹⁹. As outras edições citadas no aparato são de Hercher²⁰ e Thesleff²¹, todas referindo-se ao único manuscrito, o *Vaticanus Graecus 578*. Se boa parte dos especialistas localiza TE no grupo da pseudépigrafe do período helenístico, Thesleff²² entende que a obra de Teano é impossível de ser datada. Städele vai ainda mais longe no caso de TE, propondo, com base em certos elementos textuais, uma datação posterior ao século IV EC²³. Traduções dessa carta para o inglês foram

¹⁵TE é seguida por *Teano a Euclides*, *Teano a Rodope* e *Teano a Timônides*. O nome Teano é mencionado no título “Cartas da sapientíssima Teano a diferentes pessoas” e não nas próprias cartas.

¹⁶O grupo é *Teano a Eubule*, *Teano a Nicóstrate* e *Teano a Calisto*, às vezes acompanhado por *Melissa a Clareta* e *Mia a Fílis*. Sobre esse grupo de manuscritos, cf. HUIZENGA, 2013, p. 32-38.

¹⁷HUIZENGA, 2013, p. 35-36.

¹⁸STÄDELE, 1980, p. 335.

¹⁹*Ibidem*, p. 178-181.

²⁰HERCHER, Rudolf. *Epistolographoi hellenikoi: Epistolographi graeci, recensuit, recognovit, adnotatione critica et indicibus instruxit Rudolphus Hercher*. Paris: A.F. Didot, 1873, p. 606.

²¹THESLEFF, Holger. *The Pythagorean Texts of the Hellenistic Period collected and edited*. Åbo: Åbo Akademi, 1965, p. 197.

²²THESLEFF, 1961, p. 114.

²³As evidências apresentadas por Städele (1980, p. 337, 341), no entanto, são refutáveis. Elas podem perfeitamente ser alterações inseridas por copistas. Uma prova desse tipo de alteração textual encontra-se no caso da carta de *Melissa a Clareta*. Em todos os manuscritos a carta apresenta doricismos que indicariam uma datação por volta do século III AEC. Mas o papiro *Hauniensis* II.13 traz todos esses doricismos corrigidos para a koiné (cf. BÜLOW-JACOBSEN, Adam. *Papyri Graecae Hauniensis, v. 2: Letters and mummy labels from Roman Egypt*. Bonn: GMBH, 1981, p. 1-3), indicando uma modernização do texto (cf. HUIZENGA, 2013, p. 39).

feitas por Lynn Harper²⁴, Snyder²⁵, Plant²⁶, Pomeroy²⁷ e Dutsch²⁸; para o francês por Meunier²⁹; para o alemão por Städele³⁰ e Brodersen³¹, para o italiano por Brancaccio³² e para o latim por Hercher³³.

<Θεανῶ> Εὐρυδίκη τῇ θαυμασίᾳ.

Τίς λύπη κατέχει τὴν <σὴν> ψυχὴν; ἀθυμεῖ<ς> δὲ δι' οὐ-
δὲν ἄλλο ἢ <ὅτι> ᾧ συνοικεῖ<ς> ἐπὶ ἐταίραν ἤκει καὶ ταύτη
τὴν ἡδονὴν λαμβάνει τοῦ σώματος; ἀλλ' οὐχ οὕτω σε δεῖ ἔχειν, (5)
ᾧ θαυμασία τῶν γυναικῶν ἤδη θαυμαὶ δὲ μᾶλλον καὶ μάλα†.
οὐχ ὄρας γὰρ ὅτι καὶ ἀκοή, ὅτε πλησθῆ ἡδονῆς ὀργάνου καὶ
μουσικῆς μελωδίας πληρωθῆ, ὅτε δὲ κόρος γένηται ταύτη<ς>,
αὐλοῦ ἐρᾷ καὶ δόνακος ἀκροᾶται ἡδέως; καίτοι ποία κοινω-
νία αὐλῶ καὶ χορδαῖς μουσικαῖς καὶ ἡχοῖ θαυμασίᾳ τῆς ὀρ- (10)
γάνου μελιχροτάτης ποιότητος; οὕτω δὲ κάπνισσόν σου οἴου κάπνισ-
τῆς ἐταίρας, ἣ συνοικεῖ ὁ σὸς ἀνὴρ. σοῦ μὲν γὰρ σχέσει καὶ
φύσει καὶ λόγῳ φροντιεῖ ὁ ἀνὴρ, ὅτε δὲ ποτε κόρον λήψεται,
κατὰ πάροδον τῇ ἐταίρᾳ συνοικήσει. ὅτι καὶ αἷς χυμὸς φθο-
ροποιὸς ἐναπόκειται, τῶν τροφῶν ἔρως ἐστὶ τις τῶν οὐκ ἀγα- (15)
θῶν. ἐρρωμένη <δια>βίβης.

²⁴WAITHE, 1987, p. 44-46.

²⁵SNYDER, Jane M. *The Woman and the Lyre: Women writers in Classical Greece and Rome*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1989, p. 118-119.

²⁶PLANT, Ian Michael. *Women Writers of Ancient Greece and Rome: An Anthology*. Norman: University of Oklahoma Press, 2004, p. 71-72.

²⁷POMEROY, 2013, p. 82-83.

²⁸DUTSCH, Dorothea M. *Pythagorean Women Philosophers: between belief and suspicious*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 220-221.

²⁹MEUNIER, 1932, p. 101-102.

³⁰STÄDELE, 1980, p. 178-181.

³¹BRODERSEN, Kai. *Theano: Briefe einer antiken Philosophin*. Stuttgart: Reclam, 2010, p. 53-54.

³²MONTEPAONE, Claudia. *Pitagoriche: scritti femminili di età ellenistica*. Bari: Edipuglia, 2011, p. 49-55.

³³HERCHER, 1873, p. 606.

1 Θεανὸ Hercher Thesleff 3 σὴν Hercher Thesleff | ἀθυμεῖς Hercher Thesleff 4 ὅτι Hercher
 | συνοικεῖς Hercher Thesleff 5 σώματος; Städele σώματος. Hercher Thesleff 6 θαῦμα
 Hercher | δὲ om. Hercher 7 πλησθῆ Städele Thesleff μὲν Hercher 8 πληροῦται Hercher
 Thesleff | δὲ ἔαν Hercher | ταύτης Hercher ταύτη Thesleff 10 τῆς τοῦ Hercher 14 ὅτι
 Städele: ἐπεὶ Hercher | αἷς Städele: οἷς Hercher Thesleff 16 ἐρρωμένη <δια>βιώης secl.
 Thesleff διαβιώης Hercher

[Teano] a Eurídice, a maravilhosa,

Que dor é essa que tomou conta da sua alma? Desanimada por nada, só por que aquele com quem você convive tem uma cortesã e dela obtém seu prazer físico? Mas não é assim que você deve se comportar, (5) mulher-maravilha [agora então ainda mais maravilhosa]! Será que você não vê que mesmo a audição, na plenitude do prazer da lira³⁴ por se ter preenchido de poesia mélica, chega a um ponto de saturação e passa a desejar deleitar-se escutando o aulos e a siringe? E, no entanto, o que poderia haver em comum entre a música de pífanos ou aulos e a esplêndida (10) ressonância da lira na sua mais doce qualidade? É assim que você se compara à cortesã que vive com o seu marido. Seu marido bem considera a sua posição social, sua natureza e seu discurso³⁵, e tão logo ele chegar à saturação, isso de viver com a cortesã vai passar. Há também certa atração por se nutrir de alimentos que não nos fazem bem, que contêm substâncias destrutivas. (15) É com vigor que você tem que viver!

A situação é a do marido que se envolve em uma relação estável com uma cortesã. Jâmblico³⁶ conta que Pitágoras teria libertado os crotonenses de concubinas e da convivência com mulheres não reputadas (ἀπαλλάξαι δὲ λέγεται τοὺς Κροτωνιάτας καὶ τῶν παλλακίδων καὶ καθόλου τῆς πρὸς τὰς ἀνεγγύους γυναικας ὁμιλίας). Essa atitude também é descrita como a eliminação de mulheres não casadas no interior do grupo, o que sugere a regra do casamento monogâmico compulsório. Na mesma passagem, Jâmblico diz que Pitágoras teria conversado com as mulheres sobre a sua moderação para com os maridos (τὸν Πυθαγόραν διαλεχθῆναι περὶ τῆς πρὸς αὐτὰς σωφροσύνης τοῖς ἀνδράσιν αὐτῶν) e que a persuasão dos crotonenses teria posto fim à libertinagem (τῶν Κροτωνιατῶν πεισθέντων ἀναιρεθῆναι παντάπασι τὴν τότε ἐπιπολάζουσαν ἀκολασίαν). O que esse testemunho relata é uma comunidade fundada

³⁴A tradução de ὄργανου (instrumento) por lira é justificada pelo contexto, no qual o instrumento usado na poesia mélica é considerado de qualidade superior à de outros instrumentos, como o aulos e a siringe.

³⁵É difícil estabelecer o que λόγῳ significa neste contexto. O intuito parece ser o contraste com o corpo, cujos prazeres são proporcionados pela cortesã, o que me fez optar pelo sentido de uma capacidade discursiva e inteligência. Isso parece ser reforçado com o símile da má alimentação, no qual a esposa é um alimento que, não sendo saboroso, produz saúde. Outro fator que me levou a essa escolha é a conexão com o argumento em TN (ver abaixo).

³⁶Jâmblico, *Vida Pitagórica*, 27, 132. 1-14.

em certa conciliação de prescrições com admoestações: maridos são proibidos do adultério e recompensados pela virtude de suas mulheres.

Se isso é correto, a posição de Eurídice³⁷, que sofre com a atitude do marido, localiza-a fora da comunidade pitagórica em Crotona. A denúncia pública do adultério não parece ser uma opção no seu horizonte, seja porque não terá efeito jurídico, seja porque o adultério não é considerado imoral, seja por uma associação de razões deste tipo. Voltarei a esse ponto adiante. Seguindo a base dialógica do gênero epistolar, Teano ocupa uma posição análoga à de Pitágoras em Jâmblico, admoestando as mulheres para a virtude; porém o cenário é bem diferente do da comunidade crotonense. Aqui há cortesãs e adultérios, e isso claramente limita seu horizonte de conselhos. A impressão é de que nada há a ser feito na esfera pública; é na atitude pessoal que se há de encontrar uma solução.

O texto contrasta a depressão da destinatária – sua dor e desânimo – com o tom jovial e estimulante da remetente em, por exemplo, reiteradas aclamações de Eurídice como maravilhosa. Ao ver nisso um tom jocoso, Dutsch³⁸ descreve TE como uma paródia de TN, aquela sim mais francamente uma carta de conselhos. Eu vejo que o traço aparentemente mais frívolo de TE – sentimental ao ver de Thesleff³⁹ – não deve confundir-lo com um documento banal. A evidência é antes de uma situação de risco, plausivelmente o do suicídio de Eurídice, pois a carta termina enfatizando a importância da vida. Neste contexto, a filósofa interfere cirurgicamente, com frases que remetam a aprendizados anteriores e à recuperação da autoestima. Entender a situação da destinatária nos faz perceber uma continuidade maior entre os dois textos. TN desenvolve os argumentos que sustentam as conclusões de TE, como se essa última tivesse a função de trazer urgentemente à memória as teses defendidas com mais vagar em TN⁴⁰.

³⁷Um fato curioso é que o *Conselhos conjugais* de Plutarco se dirige a uma noiva de nome Eurídice, admoestando-a a ouvir os conselhos dos sábios e tornar-se admirada por outras mulheres ao usar senão “a ordem natural de Teano (τὰ δὲ Θεανοῦς κόσμια)”. (Plutarco, *Conselhos conjugais*, 145e, veja abaixo a nota sobre κόσμος). Isso vem na sequência do relato do sofrimento causado nas esposas pelo adultério masculino, que é caracterizado como uma injustiça (*ibidem*, 144c-d). A escolha do nome da destinatária pode ter ocorrido pela influência da obra de Plutarco, sendo a carta uma versão com triste fim daquele matrimônio.

³⁸DUTSCH, 2020, p. 127, 135.

³⁹THESLEFF, 1961, p. 22.

⁴⁰Esse tipo de continuidade é notável, por exemplo, na obra de Epicuro. A *Carta a Heródoto* é apresentada como um instrumento mnemônico para as teses mais detalhadamente defendidas no tratado *Sobre a Natureza* (cf. Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas de filósofos ilustres*, 10.35). Também se pode pensar as *Máximas* (*ibidem*, 10.139 ss.) como células ainda mais concisas que auxiliariam na memorização das cartas e,

Vejamos o que se passa em TE. Há aqui dois argumentos interconectados: um sobre o bem, o outro sobre a brevidade do erro. O primeiro apresenta o que pode ser mais claramente considerado elemento de doutrina pitagórica: o *símile musical*. Mas aqui duas premissas parecem bastante estranhas a esse contexto filosófico. A primeira é a preferência pela lira em detrimento do aulos (similar ao oboé) ou da siringe (flauta de pã). Ao relacionar a música da lira à poesia reputada que se opõe à popularidade dos “pífanos”, Teano não faz senão tomar um preconceito estético atrelado a distinções sociais como critério de distinção moral. Talvez se possa relevar a escolha de um *símile* infeliz e simplesmente supor que se trate aqui simplesmente de estabelecer uma distinção moral. A segunda premissa, todavia, parece mais grave à integridade do argumento. Ela supõe que, uma vez atingida a plenitude do prazer de qualidade superior, o que se segue, ao invés de um estado de serenidade e satisfação, é um desejo por prazeres de mais baixo calão, que na linha 5 são chamados de prazeres físicos. Isso parece explicar – embora não justificar moralmente – por que o marido busca outra parceira sexual: simplesmente há certos desejos que nos levam ao nosso mal, como o de alimentos com substâncias que atacam a saúde⁴¹. Em suma, o primeiro argumento introduz uma distinção entre bem e prazer, supõe que há desejo por prazer e explica que esse desejo vem de uma certa saturação com o bem. Se algo foi conquistado até aqui, é apenas a distinção social de Eurídice e uma explicação naturalista para o desejo de prazer.

O segundo argumento pretende mostrar que também o prazer causa saturação e que, ao chegar a esse ponto, o desejo reverte ao bem. Em suma, o prazer com a cortesã é efêmero. Se esperaríamos aqui uma distinção mais fundamentada e aceitável entre bem e prazer, que garantisse que apenas o último é breve, seremos frustrados. É difícil que Teano tenha qualquer base para afirmar que Eurídice é superior em natureza e discurso, uma vez que ela provavelmente não conhece a cortesã. Se talvez pudéssemos relevar o *símile musical* como infeliz, neste ponto fica claro que o propósito é mesmo aquele: a distinção entre bem e prazer

indiretamente, dos tratados. O que proponho é que TE tem essa função de recordar argumentos mais sólidos, presentes em TN, em contextos mais urgentes e não, como entende Plant (2004, p. 69) que TE tenha argumentos muito distintos de TN.

⁴¹É difícil concordar com Dutsch (2020, p. 221) em que, ao comparar ambas a instrumentos musicais ou alimentos, Teano mostra que a esposa e a cortesã são semelhantes por cumprir a mesma função de proporcionar prazer. A distinção parece-me ser, antes, aquela que aponta a incomensurabilidade entre o prazer e o bem, e a ignorância de quem confunde as duas coisas. Nesse sentido, o erro do marido é confundir aquela com quem ele quer *conviver*: esta deve ser a esposa, e não a que ele deseja apenas para relações sexuais esporádicas.

é uma distinção de posição social, em particular de reputação. O marido vai desejar a esposa porque o casamento lhe beneficia socialmente, torna-o um homem reputado.

Eu gostaria de apontar a contradição entre esse discurso e a situação a que ele se aplica. Localizamos Eurídice em uma situação social em que a denúncia do adultério não lhe aparecia como uma opção de solução para o seu problema. A sugestão de Teano, no entanto, depende dessa situação social. Devido às questões de datação e autoria já expostas, não temos como situar TE histórica ou geograficamente em termos precisos. Mas, de um modo geral, podemos considerar que o casamento na antiguidade grega consistia em um contrato entre homens que selavam a união de seus núcleos familiares por meio do intercâmbio de uma mulher, que então passa a ter a função de gerir a nova casa e produzir filhos. A monogamia, a fidelidade e a disponibilidade sexual das esposas é muito importante para garantir herdeiros legítimos na sucessão da casa. Não havendo direito de herança para pessoas que não foram geradas por esposas, não há razão para se preocupar com o adultério masculino, de modo que o sexo por prazer é uma prática usual masculina, mas não feminina. Os homens, no entanto, devem honrar o contrato estabelecido com a família da esposa, o que implica provê-la – às vezes por meio do dote recebido junto com ela – e tratá-la com certos códigos de respeito. Esse modelo de casamento, também chamado como “troca de presentes”, adequa-se bem ao que parece ser a situação de Eurídice.

Eu dizia que, se o quadro evidencia um contexto social que honra o casamento e aceita o adultério, o conselho de Teano não parece resolver muito. Tal ambiente, ao contrário, estimula a manutenção da situação em tela: a alternância entre a esposa e a cortesã. Nenhuma das duas relações vai acabar. Mas então por que essa admoestação a Eurídice? Eu sugiro que se trate de mostrar a ela certas distinções na origem de sua tristeza. Se sua dor se deve ao fato de não ser desejada pelo marido, a distinção entre bem e prazer tem por fim lhe mostrar que esse não é um fim a que ela deva aspirar. Mas se sua dor é o medo de que o relacionamento com a cortesã lhe traga má reputação ou dificuldades financeiras, isso é falso, porque compromete o próprio bem-estar do marido: ele há de fazer certo cálculo e dar-se conta do prejuízo causado pela cortesã. O que Eurídice precisa fazer é ver que o copo está cheio até a metade – e não vazio.

Finalmente, o conselho de Teano é a prática da virtude, entendida como desempenhar com excelência a sua função social, aprimorar a sua natureza e a sua inteligência. É esse o verdadeiro objeto do seu próprio desejo, e também de seu marido: o bem. Por isso não há nada a se *fazer* sobre a situação. Ela não deve tomar uma providência, tentar se tornar objeto do prazer do marido, muito menos se matar. A admoestação é para que Eurídice simplesmente *seja* quem ela é, e que viva, vigorosamente⁴². Se isso é assim, é intrínseco ao conselho de Teano que Eurídice não se veja como uma mercadoria trocada entre homens, mas como um ser humano que, dotado de natureza, inteligência e vínculos sociais, deve se desenvolver para o melhor.

Teano a Nicóstrate

O texto citado e traduzido é o editado por Städele⁴³, que também o traduziu para o alemão. As outras edições citadas no aparato são de Hercher⁴⁴, que também traduziu para o latim, e Thesleff⁴⁵. Se Thesleff⁴⁶ considera a data do texto indeterminável, Städele⁴⁷ segue a maioria dos especialistas e o localiza entre os séculos I e II EC. Outras traduções desta carta para o inglês se encontram em Lefkowitz & Fant⁴⁸, Lynn Harper⁴⁹, Plant⁵⁰, Huizenga⁵¹,

⁴²Nesse sentido, não se trata de defender, como pensa Dutsch (2020, p. 221), que “o marido é um agente, a esposa não” e que ela não é nada senão um instrumento para a felicidade dele. Se Teano defendesse isso, não haveria razão para se esperar que o marido percebesse a sua ignorância, bastava fazer bom uso do instrumento. O conselho é de que é o desempenho da virtude política, natural e intelectual da esposa que demonstra ao marido a sua ignorância.

⁴³STÄDELE, 1980, p. 170-175.

⁴⁴HERCHER, 1873, p. 604-605.

⁴⁵THESLEFF, 1965, p. 198-200.

⁴⁶THESLEFF, 1961, p. 114.

⁴⁷STÄDELE, 1980, p. 308.

⁴⁸LEFKOWITZ, Mary R.; FANT, Maureen. *Women's life in Greece and Rome: a source book in translation*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1982, p. 207-208.

⁴⁹WAITHE, 1987, p. 44-46.

⁵⁰PLANT, 2004, p. 72-74.

⁵¹HUIZENGA, 2013, p. 68-73.

Dutsch⁵²; em francês em Bader⁵³ e Meunier⁵⁴; em italiano por Brancaccio⁵⁵ e em alemão em Brodersen⁵⁶.

Θεανὸ Νικοστράτη [χαίρειν].

1. Ἦκουον τὴν τοῦ ἀνδρός σου παράνοιαν, ὅτι τὴν ἐταίραν ἔχει, σὺ δὲ ὅτι ζηλοτυπεῖς αὐτόν. ἐγὼ δέ, ὧ φίλη, πολλοὺς ἔγνωκα τῆς αὐτῆς νόσου· Θηρεύονται γὰρ ὡς ἔοικεν ὑπὸ τῶν γυναικῶν τούτων καὶ κατέχονται καὶ οὐκ ἔχουσι νοῦν. σὺ δὲ (5) ἄθυμος εἶ καὶ νύκτα καὶ μεθ' ἡμέραν καὶ ἀδημονεῖς καὶ μηχανᾶ τι κατ' αὐτοῦ. μὴ σύ γε, ὧ φίλη· γαμετῆς γὰρ ἀρετὴ ἐστὶν οὐχ ἡ παρατήρησις τἀνδρός, ἀλλ' ἡ συμπεριφορὰ· συμπεριφορὰ δὲ ἐστὶ τὸ φέρειν ἄγνοιαν. εἴθ' ἐταίρα μὲν πρὸς ἡδονὴν ὀμιλεῖ, γαμετῆ δὲ πρὸς τὸ συμφέρον· συμφέρον δὲ κα- (10) κοῖς κακὰ μὴ μίσγειν μηδὲ παρανοία παράνοιαν ἐπάγειν.
2. Ἔνια δὲ ἀμαρτήματα, φίλη, ἐλεγχόμενα μὲν ἐπὶ πλέον ἀν-ερεθίζεται, σιωπώμενα δὲ παύεται μᾶλλον, ὡς τὸ πῦρ ἡσυχία φασὶ σβέννυσθαι. εἴαν γὰρ βουλόμενόν σε λεληθέναι δοκεῖν ἐλέγχουσα ἀφαιρήσης τὸ παρακάλυμμα τοῦ πάθους, καὶ φανε- (15) ρῶς ἀμαρτῆσεται. σὺ δὲ τὴν φιλίαν ἡγήη <*> τοῦ ἀνδρός οὐκ ἐν τῇ καλοκαγαθίᾳ τοῦτο γὰρ ἡ χάρις τῆς κοινωνίας. νόμιζε οὖν πρὸς μὲν τὴν ἐταίραν ῥαθυμήσοντα πορεύεσθαι ἐκεῖνον, σοὶ δὲ συμβιώσαντα παρεῖναι, καὶ σὲ μὲν φιλεῖν κατὰ γνώμην, ἐκείνην δὲ τῷ πάθει. (20)
3. Βραχὺς δὲ ὁ τούτου καιρός· ἅμα γὰρ ἀκμὴν ἔχει καὶ κόρον, καὶ παρίσταται ταχὺ καὶ παύεται. ὀλιγοχρόνιος γὰρ ὁ

⁵²DUTSCH, 2020, p. 247-248.

⁵³BADER, Clarisse. *La femme grecque: étude de la vie antique: la femme dans les temps historiques*. Paris: Didier, 1872, p. 409-412.

⁵⁴MEUNIER, 1932, p. 87-92.

⁵⁵MONTEPAONE, 2011, p. 49-55.

⁵⁶BRODERSEN, 2010, p. 77-80.

ἔρωσ ἐστι πρὸς ἐταίραν ἀνδρὶ μὴ σφόδρα κακῷ· τί γάρ ἐστι
ματαιότερον ἐπιθυμίας ἀπολαυούσης ἀδίκου; διὸ καὶ μειῶν
τὸν βίον καὶ διαβάλλον τὸ εὖσχημον αἰσθανθήσεται ποτε· (25)
οὐδεὶς γὰρ ἐπιμένει φρονῶν ἀϋθαιρέτω βλάβη. καλούμενος
οὖν ὑπὸ τῶν πρὸς σε δικαίων καὶ τὰς περὶ τὸν βίον ἐλαττώ-
σεις ὀρῶν [αἰσθήσεται ποτέσου] καὶ τὴν ἀπὸ τῆς καταγνώ-
σεως ὕβριν οὐ φέρων ταχὺ μεταγνώσεται.

4. Σὺ δέ, φίλη, ζῆθι οὐχ ἐταίραις ἀποκρινομένη, τῆ μὲν εὐ- (30)
ταξία πρὸς τὸν ἄνδρα διαφέρουσα, τῆ δὲ ἐπιμελεία πρὸς τὸν
οἶκον, τῆ δὲ συναλλαγῆ περὶ τὰς χρωμένας, τῆ δὲ φιλοστορ-
γία περὶ τὰ τέκνα. οὐ ζηλοτυπητέον οὖν σοι πρὸς ἐκείνην
(πρὸς γὰρ τὰς ἐναρέτους ἐκτείνειν τὸν ζῆλον καλόν), ἐαυ-
τὴν δὲ παρεκτέον ἐπιτηδεῖαν ταῖς διαλλαγαῖς· τὰ γὰρ καλὰ (35)
ἦθη καὶ παρ' ἐχθροῖς εὖνοϊαν φέρει, φίλη, καὶ μόνης καλο-
καγαθίας ἔργον ἐστὶν ἢ τιμὴ, ταύτη δὲ καὶ δυνατὸν ἀνδρὸς
ἐξουσίαν καθυπερέχειν γυναικὶ καὶ τιμᾶσθαι πλεόν ἢ θερα-
πεύειν ἢ τὸν ἐχθρόν.

5. Καρτερούμενος γοῦν ὑπὸ σοῦ μᾶλλον αἰσχύνεται, τάχιον (40)
δὲ διαλλαγῆναι θελήσει, προσπαθέστερον δὲ φιλοστοργήσει
συνεγνωκῶς τὴν ἀδικίαν τὴν εἰς σέ, κατανοῶν τε τὴν προσ-
οχὴν ἐπὶ τοῦ βίου καὶ πείραν τῆς στοργῆς λαμβάνων τῆς πρὸς
αὐτόν. ὥσπερ δὲ αἱ κακοπάθειαι τοῦ σώματος ἡδεῖας τὰς ἀνα-
παύσεις ποιοῦσιν, οὕτως αἱ διαφοραὶ τῶν φίλων οἰκειοτέρας (45)
τὰς διαλλαγὰς φέρουσιν.

6. Σὺ δὲ καὶ τὰ βουλευμάτα τοῦ πάθους ἀντίθετος νοσοῦντος
γὰρ ἐκείνου καὶ σὲ παρακαλεῖ νοσεῖν ταῖς λύπαις, καὶ ἀμαρ-
τάνοντος περὶ τὸ εὖσχημον καὶ σὲ περὶ τὸν κόσμον ἀμαρτά-
νειν, καὶ καταβλάπτοντος τὸν βίον καὶ σὲ καταβλάπτειν τὸ (50)
συμφέρον. ἀφ' ὧν ἐπ' αὐτὸν συντετάχθαι δόξεις καὶ κολαζο-
μένη ἐκεῖνον καὶ σεαυτὴν κολάζειν. εἰ γὰρ καὶ ἀφεμένη πο-

ρεύση, ἑτέρου ἄρα πειραθήση ἀνδρὸς τοῦ προτέρου ἀπαλλαγεί-
σα, κἄν ἐκεῖνος ἀμάρτη τὰ ὅμοια, πάλιν ἄλλου (οὐ φορητὴ
γὰρ νέαις χηρεία), ἢ μόνη μενεῖς ἀπ’ ἀνδρὸς οἷόν περ ἄζυξ. (55)

7. Ἄλλ’ ἀμελήσεις τοῦ οἴκου καὶ καταφθερεῖς τὸν ἄνδρα; ἐπ-
ωδύνου ἄρα βίου συνδιαίρησιν τὴν βλάβην. ἀλλ’ ἀμυνεῖ τὴν
ἐταίραν; περιστήσεται σε φυλαττομένη, κἄν ἀμύνη, μάχιμός
ἐστὶν οὐκ ἐρυθριῶσα γυνή. ἀλλὰ καλὸν ὅσημέραι μάχεσθαι πρὸς
τὸν ἄνδρα; καὶ τί πλέον; αἱ γὰρ μάχαι καὶ αἱ λοιδορίαι τὴν (60)
μὲν ἀκολασίαν οὐ παύουσιν, τὴν δὲ διαφορὰν ταῖς προκοπαῖς
αὔξουσιν. τί δέ; βουλεύσῃ τι κατ’ ἐκείνου; μή, φίλη. ζηλο-
τυπίας κρατεῖν ἢ τραγωδία ἐδίδαξε δραμάτων ἔχουσα σύνταξιν,
ἐν οἷς παρηγόμησε Μήδεια. ἀλλ’ ὥσπερ τῆς νόσου τῶν ὀφθαλ-
μῶν ἀπέχειν δεῖ τὰς χεῖρας, οὕτως καὶ σὺ τοῦ πάθους χώρι- (65)
ζε τὴν προσποιήσιν· διακαρτεροῦσα γὰρ θᾶττον τὸ πάθος σβέ-
σεις.

1 χαίρειν Hercher Thesleff 2 τὴν² secl. Hercher 9 ἄνοιαν Hercher Thesleff 14 ἐὰν Städele
codd. καὶ Hercher Thesleff 15 ἀφαιρήσεις Hercher Thesleff 21 ἀκμὴν Hercher ποτε Thesleff
23 ἔρωσ Hercher καιρός Thesleff 24 ἀδίκων Hercher 25 αἰσθήσεται Hercher Thesleff 28
αἰσθήσεται ποτέσου secl. Hercher ποτέ σου Thesleff 30 συγκρινομένη Hercher 40
κατηρτυμένος οὖν Hercher Thesleff | αἰσχυνεῖται Hercher 44 ἠδίουσ Hercher Thesleff 46
φέρουσι Hercher Thesleff 61 παύουσι Hercher Thesleff 62 αὔξουσι Hercher Thesleff δέ,
βουλεύσῃ Hercher Thesleff

Teano a Nicóstrate [saudações!]

1. Tenho ouvido sobre a loucura do seu marido: que ele tem uma cortesã e que você então está com ciúmes dele. Eu pessoalmente, querida, conheci muitos homens com esta doença. Parece até que eles são caçados e capturados por essas (5) mulheres, perdendo a cabeça. Você então passa as noites desanimada e ao longo do dia se atormenta tramando contra ele. Minha querida, esta não é você! A virtude de uma esposa não é a vigilância do marido, mas o companheirismo. E companheirismo é lidar com a ignorância⁵⁷. Se ele convive com a cortesã

⁵⁷Com base em alguns manuscritos, Städele (1980, p. 170) corrige o tradicional ἄνοιαν – insensatez, que repete o mencionado estado de ter “perdido a cabeça” (οὐκ ἔχουσι νοῦν) – por ἄγνοιαν, ignorância. O cunho intelectual deste último conceito faz com que o remédio para a doença seja simplesmente descobrir a verdade, no caso, entender a esposa como um bem.

(10) por prazer, convive com a esposa para o benefício. E o benefício é não acrescentar males a males, não somar loucura a loucura.

2. Às vezes refutar os erros, querida, agrava ainda mais as coisas, e silenciar faz com que elas se acalmem, assim como dizem que o fogo se extingue quando não é atizado. Se você o refutar exatamente quando ele pretende passar despercebido a você, (15) você vai arrancar a máscara que esconde o infortúnio dele e aí ele vai cometer seu erro ostensivamente. Você acha que o afeto [. . .]⁵⁸ por seu marido não está no patamar da excelência, mas essa é a alegria da vida em comum. Pensa, então, que, enquanto a cortesã lhe proporciona diversão, você lhe oferece uma vida compartilhada; que, enquanto ele ama você por (20) inteligência, ele a ama por paixão.

3. E paixão dura pouco: assim que atinge o auge, fica saturada; acontece rapidamente e termina. O amor de um homem por uma cortesã, supondo que ele não seja inteiramente perverso, é efêmero. Afinal, o que é mais vão do que o deleite do desejo do injusto? É por isso que em algum momento ele perceberá que está (25) rebaixando sua vida⁵⁹ e ultrajando sua compostura. Ninguém que seja sensato continua a deliberadamente se prejudicar. Chamado por um senso de justiça para com você, porque vê como sua vida degrada [em algum momento ele há de notar você], e também porque é incapaz de lidar com o ultraje causado pelo desdém, ele logo mudará de ideia.

4. (30) Quanto a você, querida, viva sem responder a cortesãs, destacando-se pela sua atitude ordenada⁶⁰ em relação ao seu marido, cuidadosa com a casa, conciliatória para com as servas⁶¹ e afetiva com seus filhos. Não tenha ciúmes dela (o ciúme só é louvável quando se refere às mulheres valorosas), (35) é preciso oferecer-lhe a gentileza conciliatória. Pois é nobre o costume de lidar mesmo com os inimigos com boa vontade, querida, e a honra é apenas o efeito da excelência. É assim que uma mulher pode alçar-se acima dos abusos de autoridade⁶² do marido e ser honrada ao invés de servir ao inimigo⁶³.

⁵⁸A lacuna do texto causa a dificuldade de saber se o genitivo τοῦ ἀνδρός (do marido) se refere de fato a φιλία (afeto) ou a outra palavra que se perdeu. Mesmo se a referência for a φιλία, é difícil decidir se o genitivo é subjetivo – o afeto que o marido tem pela esposa – ou objetivo – o afeto que a esposa tem pelo marido. Opto pela última porque não parece que o marido tenha esse afeto. De todo modo, o ponto é dizer que este afeto fundado na excelência é a alegria da vida em comum.

⁵⁹Alguns intérpretes preferem ler τὸν βίον como “meios de vida”, “bens materiais”. Eu não vejo por que restringir o sentido bem mais amplo de deterioração da vida.

⁶⁰εὐταξία é um conceito tipicamente pitagórico que, denotando o bom ordenamento do ambiente como um todo, define a virtude do agente como a sua contribuição para a manutenção dessa ordem. É assim que a teoria moral pitagórica concilia virtude – como o desenvolvimento pleno das capacidades naturais de um agente – e dever – como a situação desse desenvolvimento em um todo ordenado que lhe impõe limites.

⁶¹τὰς χρωμένας pode também significar “as amigas”, mas, se o contexto parece descrever os principais elementos da virtude da senhora do lar, a atitude conciliatória em relação às servas parece representar um elemento tradicional dessa função. Isso também se justifica pela mesma atitude ser requisitada em relação à cortesã, que também se encontra em uma posição social inferior.

⁶²ἐξουσία é um termo cujo sentido pode ser positivo, denotando autoridade, ou negativo, indicando abuso de autoridade. A meu ver, o argumento é de que, no caso de abuso do marido, a esposa excelente está legitimada a assumir a posição de autoridade na casa.

⁶³τὸν ἐχθρόν (o inimigo) pode ser uma interpolação. Neste caso, a ideia é que a esposa pode tomar o lugar de autoridade do marido ao invés de servi-lo.

5. (40) Uma vez controlado⁶⁴ devido a você, ele ficará mais envergonhado e mais rapidamente buscará a reconciliação. Ele vai ter por você um afeto ainda mais terno ao reconhecer a injustiça que lhe fez, ao dar-se conta da atenção que deve dar à vida e ao ter provas de seu amor por ele. Da mesma forma que as sensações desagradáveis do corpo tornam ainda mais agradáveis (45) os momentos em que elas cessam, as discórdias entre os que têm uma relação de afeto levam, na reconciliação, a uma maior intimidade.

6. Você tem, portanto, que resistir a decisões apaixonadas. Estando doente, ele incita você a ficar doente de dor; errando quanto à compostura, ele incita você a errar quanto à ordem natural⁶⁵, (50) degradando a vida, ele incita você a degradar o que é benéfico a você mesma. Ao permitir isso, você parece aliar-se a ele e, ao puni-lo, você pune a si mesma. Embora você possa se divorciar, isso vai fazer com que você ou teste outro marido já tendo deixado o primeiro – e, se esse outro errar em questões semelhantes, você vai passar para ainda um outro (porque (55) uma jovem separada é insustentável) –, ou simplesmente acabe sozinha sem marido, como uma descasada.

7. E então, você cogita negligenciar sua casa e arruinar seu marido? Isso seria compartilhar o malefício de uma vida dolorosa. Contra-atacar a cortesã? Ela vai se esquivar e se proteger e, caso ela contra-ataque, uma mulher sem vergonha é uma grande lutadora. Será que é nobre (60) essa batalha cotidiana contra o marido? Há algum lucro nisso? Brigas e insultos não fazem cessar a licenciosidade, apenas aumentam progressivamente a discórdia. O que mais? Tramar contra ele? Não, querida. A tragédia, ao nos apresentar a concatenação das ações⁶⁶, ensina-nos a controlar o ciúme, como no caso do crime de Medeia. Assim como é preciso manter as mãos distantes dos olhos doentes⁶⁷, é preciso que você se aparte das (65) decisões apaixonadas. E é o contínuo autocontrole que rapidamente enfraquece a paixão.

O primeiro parágrafo indica que o marido de Nicóstrate tem a mesma atitude do de Eurídice, ter um relacionamento estável com uma cortesã, e em um contexto semelhante: o de que a denúncia pública seria ineficaz. Embora Nicóstrate compartilhe o desânimo de Eurídice, o que a diferencia é o ciúme, apresentado aqui como causa de dias perturbados em tramar contra o marido. A menção a Medeia ao fim da carta sugere a gravidade da situação:

⁶⁴Traduzo *κατερούμενος* proposto por Städele, embora todos os manuscritos apresentem a forma peculiar *κατηρτυμένος* (treinado).

⁶⁵Assim como *εὐταξία*, *κόσμος* é um conceito também moral em contexto pitagórico. A ordenação do universo é um padrão para o comportamento de todos aqueles que vivem nele, de modo que o equilíbrio e a ordem devem conduzir as relações humanas para que todo o ambiente seja harmônico, proporcionando bem-estar a todos.

⁶⁶É controversa a sintaxe de *δραμάτων ἔχουσα σύνταξιν*. Ao traduzir, entendi que *ἔχουσα σύνταξιν* é qualificador de “tragédia”, que apresenta uma concatenação dos atos (*δραμάτων*), ou seja, uma narrativa como a de Medeia é instrutiva porque revela a consequência de injustiças (cf. MEUNIER, 1932, p. 92). É possível ler *δραμάτων* como qualificando “tragédia”, uma tragédia de ações, e *ἔχουσα σύνταξιν* como qualificador de “ciúme”. Neste caso, *σύνταξιν* deve significar a manutenção da boa ordem, ou seja, um sentido próximo de *εὐταξία* (cf. HUIZENGA, 2013, p. 73).

⁶⁷O mesmo exemplo é usado por Plutarco, *Consolação à esposa*, 610c.

Nicóstrate pode estar a ponto de cometer crimes graves e, frenética, ela contrasta com a indolente Eurídice. Frente a essa situação, Teano interfere a partir de uma posição de experiência – ela já conheceu muitos homens com essa doença – que lhe permite elaborar um discurso que é simultaneamente de censura e admoestação, portanto, tipicamente protréptico. Assim, TN difere do tom jovial de TE exatamente porque a situação das destinatárias é diferente.

É plausível que seja também por isso que TN é muito mais longo, dedicado a persuadir, ao invés de intervir cirurgicamente. Também é peculiar ao seu gênero que a reprovação nunca é ofensiva ou desrespeitosa, buscando motivar a mudança de atitude pessoal. Em termos gerais, o conselho de Teano em TN é o mesmo que em TE: exercitar a virtude da esposa. Mas isso é defendido aqui em uma sucessão de descrições por contraste. Trata-se de contrastar a virtude com as atitudes da cortesã, do marido e da própria Nicóstrate, descritas como loucura, doença, despudor, ignorância ou insensatez.

Começamos com o ciúme de Nicóstrate, que, diz Teano, só agrava a situação: é somar loucura a loucura. Tal mal faz com que Nicóstrate perca ela também a cabeça e deixe de ser quem é. A virtude da esposa está no companheirismo, não na vigilância. E para que se estabeleça esse companheirismo, é preciso φέρειν ἄγνοιαν. A meu ver essa expressão foi traduzida de modo tendencioso, por exemplo, como “suportar a loucura”⁶⁸; “aguentar a imbecilidade”⁶⁹ ou “tolerar o erro”⁷⁰. Embora o verbo φέρειν possa ter o sentido de suportar, o argumento me parece apontar que o que precisa ser feito é curar o marido da ignorância ao se provar a ele que a esposa é o seu bem, o que torna a tradução por “conduzir”, “direcionar” ou “lidar” muito mais adequada. Essa opção também oferece uma melhor definição de companheirismo, que dificilmente pode ser identificado com a preservação da ignorância.

Se minha sugestão proceder, então TN detalha bem mais do que TE o que é a prática da virtude da esposa. Não se trata de simplesmente aguardar o momento de saturação do prazer com a cortesã, trata-se de curar o marido por uma certa demonstração exemplar da virtude⁷¹. O que vemos é uma *protrepis* em espelho: o modelo e o discurso de Teano mudam

⁶⁸MEUNIER, 1932, p. 87.

⁶⁹HUIZENGA, 2013, 68-69.

⁷⁰DUTSCH, 2020, p. 247.

⁷¹Não vejo razão para se pensar que o responsável pela situação seja a cortesã, ao invés do marido, como indica Städele (1980, p. 303). Ao contrário, é ao marido que cabe ação neste contexto, a saber, voltar-se para a virtude.

a atitude de Nicóstrate, cujo modelo e discurso mudam a atitude do marido. Se a virtude da esposa é lidar com a ignorância, o primeiro passo é tratar da sua própria: deixar de somar loucura a loucura e passar a ser quem ela é. Engajar-se na prática da virtude, sugere Teano, é muito mais benéfico do que dedicar-se a planos de vingança.

Detalhes sobre essa prática são apresentados na sequência. O segundo parágrafo trata da forma do discurso virtuoso. É notório desde os diálogos socráticos que a refutação incita emoções agressivas no refutado ao lhe mostrar as incoerências entre suas crenças e ações. O direcionamento dessas emoções pode ser benéfico, quando o próprio refutado dirige essa agressividade à sua ignorância, examinando a si mesmo, ou destrutivo, quando ela é dirigida ao refutador. O risco de tentar provar ao marido apaixonado pela cortesã que a esposa é o seu verdadeiro bem é alto: ele pode deixar de lado a preocupação de manter certas aparências e tomar a cortesã como sua companheira de vida (trato adiante das consequências dessa dissolução do casamento). Por isso, Teano indica que o companheirismo como virtude requer um uso prudente desse tipo de desmascaramento moral, um uso que, ficará claro adiante, visa ao aprimoramento do interlocutor. É por isso que há momentos em que é melhor silenciar e deixar as coisas se acalmarem. Dentro de um processo de *protrepsis* especular é preciso adaptar o discurso ao interlocutor para que ele entenda o modelo moral. O mesmo vale para o discurso de Teano: ela pode ser mais refutativa com Nicóstrate e deve ser menos confrontadora com Eurídice.

Infelizmente o texto é lacunar no ponto em que constaria a alternativa proposta por Teano. Trata-se de algo como a importância do afeto (φιλία) na excelência (καλοκαγαθία) – o que retoma o tema do companheirismo como virtude – e que se conecta com certa associação de afeto e inteligência (φιλεῖν κατὰ γνώμην). É esse tipo de inteligência – caracterizada pelo uso prudente do discurso refutativo – que proporciona uma vida compartilhada. Essa preocupação com o aprimoramento do companheiro, diz Teano, não faz parte dos propósitos da cortesã, que não refutaria o marido porque está comprometida em lhe dar prazer. Naturalmente esse juízo é feito com base em suposições assumidas simplesmente pela finalidade da profissão da cortesã. De todo modo, se essa leitura é razoável, temos aqui um desenvolvimento argumentativo em defesa da superioridade do discurso da esposa, que em TE era tomada como dada.

O argumento do terceiro parágrafo desenvolve outro ponto de TE: a efemeridade do desejo pela cortesã. A razão apresentada é de que esse é um desejo não só pelo prazer, mas pelo injusto. Há uma temporalidade própria neste tipo de resultado obtido pela injustiça: seus benefícios são transitórios e, a longo prazo, o que se constata é uma perda de bens. Se em TE não conseguíamos distinguir a transitoriedade do desejo de prazer da do desejo pelo bem, ambos findando na saturação, em TN isso não acontece: um bem é aquilo que, mesmo depois de obtido, cuida-se e se aprecia, como a qualidade de vida e as relações sociais (essas últimas dependentes de certa compostura). Nenhuma pessoa sensata renuncia a bens assim, sua privação causa deterioração imediata da vida. Teano ilustra a tese com o desdém social frente aos que são considerados injustos. Ele é seguido de um ultraje que ninguém admitiria. Se a injustiça gera necessariamente tal prejuízo, cessar ações injustas é questão de tempo: quando se colher o prejuízo, o erro vai acabar. Para tal conclusão, há implícita uma premissa de que a justiça é uma prática social de retribuição. Como em TE, é o sistema de valor social que leva à mudança de atitude do marido, embora aqui seja explícito que o adultério do marido é considerado injusto e digno de retaliação. Aparentemente há uma contradição entre essa expectativa e a ameaça, formulada no parágrafo anterior, de que ele passaria a viver com a cortesã de modo ostensivo, mas tratarei desse ponto ao final.

Na sequência, TN defende que não há nada a *se fazer* sobre a situação e que Nicóstrate só deve se preocupar em exercitar a virtude, que, no parágrafo quatro, é descrita em termos das tarefas da esposa, concernentes ao marido, à casa, às servas e aos filhos. A virtude pessoal como a contribuição para um ambiente harmônico constitui o princípio geral da moral pitagórica, aqui indicada por termos como “atitude ordenada”, “cuidado” e “conciliação”. A ausência de menção à cidade e ao mundo parece limitar o ambiente de ação dessa mulher, porém a sequência do texto indica que a atitude excelente esperada de Nicóstrate tem sim escopo mais amplo do que isso. Para um ambiente harmônico, mesmo a cortesã deve ser tratada com gentileza conciliatória, como, por sinal, todos os inimigos. Ainda que o cotidiano restrinja espacialmente o raio de ação da virtude, ela não é conceitualmente limitada.

Quanto ao seu conceito, não se pode limitar a virtude da esposa porque ela implica a mesma disposição de alma para com todas as pessoas, chamada aqui de boa vontade. A boa vontade é um exercício de combate à servidão. Na ausência dela, buscamos o mal ou a vingança dos inimigos, dando-lhes, com isso, importância tal que passamos a vida a

respondê-los, tornamo-nos seus servos. A boa vontade proporciona exatamente a negação dessa servidão, não se perturbar com eles e, com isso, libertar-se de certas preocupações. É exatamente isso o que Teano aconselha a Nicóstrate, que trama vingança por causa do ciúme. Se a busca do ambiente social harmônico for limitada à excelente execução de tarefas domésticas sem essa boa vontade da alma, essas ações terão como fim apenas a reputação. É certo que a reputação protege de males, como dos ultrajes do parágrafo 2. Mas se não há boa vontade, e a reputação mascara planos de vingança, a “excelência” vai estar aliada à perturbação e a doença de Nicóstrate vai persistir⁷². O conselho a Nicóstrate não é para que ela mantenha a sua reputação; é para que ela se cure.

Isso vai ainda mais longe. A interessante conclusão do quarto parágrafo é de que, se virtuosa, a mulher pode reivindicar a autoridade sobre o marido que não se encontra no mesmo patamar moral. A autoridade feminina, explica Teano no parágrafo 5, exercendo-se apenas à medida que a esposa demonstra um comportamento modelar, tem um efeito de treinamento ou controle sobre o marido, que passa a se envergonhar de suas ações prévias. Teano supõe que isso há de ocorrer porque o marido vai se dar conta de que não a trata com justiça, de que sua atitude causa um desequilíbrio na reciprocidade esperada em um casamento, dado o fato de que a esposa se ocupa muito mais com a vida dele do que ele com a dela. Aqui fica evidente como a *protrepsis* especular será aplicada ao marido. A vergonha dele é causada, não pela refutação, mas pela exibição da virtude modelar da esposa associada à perda de bens que ele vê como evidente. Em última análise, ele reconhece que sua injustiça lhe causa mal porque ele não tem a mesma dedicação à virtude do que a esposa; ele muda de atitude porque entende a conexão entre virtude e bem viver. De um modo que TE não explicita ao dizer que a esposa é o benefício do marido, em TN o marido vai desejar a esposa como um modelo de virtude para si mesmo, ela passa à função de mestre por seu exemplo.

⁷²Essa descrição bastante detalhada sobre como obter o ambiente harmônico me faz discordar da tese de Dutsch (2020, p. 200) de que, segundo Teano, a melhor ação é a paciência e o apoio ao marido. Na sua interpretação, uma vez que jamais a esposa pode esperar algo além de ser vista como um instrumento para a felicidade do marido (*ibidem*, p. 221), TN é um libelo pela “tolerância à infidelidade” (*ibidem*, p. 134). Tampouco concordo com a interpretação de Pomeroy (2013, p. 88) que, comparando TN com psicólogos contemporâneos, vê ali a ideia de que “quando não se pode mudar as pessoas, ao lidar com as dificuldades criadas por elas, deve-se mudar a si mesmo”. Waithe (1987, p. 47) e Plant (2004, p. 69) estão mais próximos do texto ao ver em TN a defesa da excelência da esposa como exemplo ao marido.

Uma vez que o ambiente harmônico é restaurado por essa reconciliação, o que surge é uma afeição ainda mais terna, com uma maior intimidade. A valer o símile do alívio das sensações desagradáveis, o fim da discórdia gera prazer. Esse não é o prazer proporcionado pela cortesã, mas um bem-estar associado à eliminação da discórdia e da dor provocada por ela. Este deve ser o fim almejado por qualquer decisão tomada por Nicóstrate: uma relação afetiva em ambiente harmônico é uma conciliação de prazer e bem que só agentes virtuosos podem prover a si mesmos. E isso consiste em atribuir uma nova finalidade ao casamento: não se trata mais de selar pactos entre núcleos familiares, mas de construir um ambiente familiar harmônico que contribua ao bem-estar de todos ali envolvidos.

Uma vez explicitado este fim, os dois últimos parágrafos comparam-no às alternativas de ação disponíveis a Nicóstrate, avaliando a sua eficácia. A situação permanecendo como está, a atitude do marido contamina a de Nicóstrate, a doença dele se abate sobre ela, de modo que se transformam em aliados em um processo de degradação mútua, o oposto do fim almejado. Ela também pode deixá-lo, já que o divórcio é legal na antiguidade grega, sobretudo quando se alega incompatibilidade ou injustiça. Mas, naquele cenário, o que nunca vai ocorrer é que uma mulher se torne senhora de suas decisões: não pode haver mulher sem um guardião. No divórcio, o cenário a se esperar é o do seu retorno à custódia do pai (ou, na sua ausência, do homem com vínculo familiar mais próximo), que tomaria as providências para um outro casamento. O divórcio anterior levanta desconfianças sobre a personalidade da esposa, tornando o casamento mais difícil de ser acordado e exigindo maiores concessões. Não tendo Nicóstrate agência nessa escolha, é plausível que se case com um marido de personalidade mais difícil, o que aumenta a possibilidade da situação se repetir indefinidamente. A terceira opção é que seu guardião não volte a casá-la e ela permaneça na casa da família. A condição da descasada em casa alheia, porém, é bastante degradante. Ela está sempre submetida não só aos caprichos do senhor, seu tutor, mas também da senhora da casa e de seus descendentes. O prognóstico é tão evidentemente sombrio nesse caso que Teano nem se dá ao trabalho de argumentar contra essa opção.

Resta ainda que Nicóstrate ponha em marcha seus planos de vingança. Em resposta, Teano lista uma série de perguntas retóricas: Vingar-se da cortesã? Não é promissor: ela sabe se defender e, sendo uma mulher sem reputação, vai contra-atacar de modo muito mais vil. Vingar-se do marido por meio de pequenos males cotidianos? A necessária convivência entre

os dois faz com que o mal destinado a ele seja um mal para ela mesma: deixar de cuidar da casa vai simplesmente lhe impor um ambiente pior; brigas e insultos cotidianos não fazem senão escalar o mal-estar. Vingá-lo por uma ação mais drástica, um crime, por exemplo? A tragédia, com o caso modelar de Medeia⁷³, mostra as consequências de tais atitudes: a destruição de todos os envolvidos e o fim da boa vida da perpetradora, se ela permanecer viva. Em suma, em todas as demais alternativas disponíveis, Nicóstrate perde em agência.

A conclusão marca o vínculo entre TN e TE: trata-se de viver com virtude. Se Eurídice precisava de vigor para continuar a viver, Nicóstrate precisa de autocontrole que enfraqueça a loucura dos planos de vingança e das decisões apaixonadas. Também aqui o verdadeiro objeto do seu desejo – e também de seu marido – é o bem. Por isso não há nada a se *fazer* sobre a situação, o que deve ser feito é recuperar o seu *ser*, a finalidade da sua existência enquanto agente que coopera para o estabelecimento de um ambiente harmônico e que, neste comportamento, funciona como exemplo moral aos demais. É exatamente essa formulação explícita da harmonia como virtude que marca a diferença entre TN e TE. Em TE havia uma contradição entre a admoestação à virtude e a situação a que ela era aplicada. TN parece supor uma situação diferente. O marido pode viver ostensivamente com a cortesã, o casamento pode ser rompido e a comunidade não parece se preocupar exatamente com isso. Por isso, ao argumento sobre a reputação do marido se adiciona outro, sobre a importância da prática da virtude para todo o tecido social. A questão passa a ser a da injustiça de certos desejos, de como eles envolvem a ruptura de uma certa harmonia de interações. Com isso, se havia um contexto social que honra o casamento e aceita o adultério, Teano pode agora mostrar que essa contradição é nociva para essa comunidade.

Outro ponto interessante em que TN complementa TE é em relação aos anseios da esposa. Se a dor de Eurídice ou de Nicóstrate se devia ao fato de não serem desejadas pelo marido tal como a cortesã, em ambos os casos ela é causada pelo que TN descreve como desejo do injusto. Ninguém com bom senso busca uma convivência cotidiana que se limita à diversão e ao prazer corpóreo. Nem sequer a cortesã quer isso. Isso não deve ser confundido

⁷³Há exagero na comparação da situação de Nicóstrate com a de Medeia. Se ela é uma esposa, sua posição é de cidadã. Por isso que ela pode contar com os benefícios sociais advindos de seu status social, o que não é dado nem à cortesã, nem a Medeia. Por ser estrangeira, seu casamento com Jasão não tem o mesmo valor social que o casamento com uma cidadã e é por isso que ele opta por se casar com Glauce, retirando de Medeia seu direito de permanecer em Corinto.

com uma condenação do prazer sexual. Trata-se simplesmente de uma defesa da relação de afeto como uma prática da virtude que gera um ambiente de bem-estar em que as pessoas convivam por companheirismo. Há prazer nisso, mas um prazer de ordem distinta de um relacionamento que visa apenas o prazer corpóreo. O que é interessante nessa reivindicação é a implicação da agência feminina, que se opõe à objetificação associada à cortesã. A figura de Teano é exemplar exatamente por essa agência.

Conclusão

Procurei mostrar que a carta de Teano a Eurídice é uma nota motivacional, possivelmente com a função de rememoração de argumentos encontrados em outros lugares, a uma destinatária em quadro de depressão pelo adultério do marido. Ela aponta a diferença de valor entre a esposa e a cortesã, e explica a existência de desejos por prazeres não benéficos, indicando que são efêmeros. Eurídice não deve aspirar a se tornar o objeto dos desejos corpóreos do marido, nem a *fazer* algo sobre a situação. Deve, sim, viver com vigor, sendo quem ela é por seu status, natureza e discurso.

Teano a Nicóstrate é diferente, antes de tudo, porque a destinatária está tomada de outra emoção: o ciúme que a faz tramar vingança. Por isso, ele é também um discurso de censura, que contrasta a atitude de Nicóstrate com uma concepção de virtude associada ao companheirismo e à harmonia. Segundo essa concepção, é preciso lidar com a ignorância dos companheiros com vistas ao desenvolvimento de um ambiente harmônico. Para tanto, Teano propõe uma estratégia de *protrepsis* em espelho na qual ela mesma lida com companheirismo com a ignorância de Nicóstrate, que deve fazer o mesmo – ou seja, de certo modo tornar-se Teano – em relação ao marido. Nesse compromisso com a virtude, o discurso da esposa se prova superior ao da cortesã – ponto que aparecia sem justificativa em TE – porque ela admoesta o marido ao lhe censurar, o que a cortesã, por profissão, não consegue fazer. TN também apresenta de modo muito mais razoável do que TE a distinção entre bem, entendido como aquilo que persiste depois de obtido, e prazer, como o que é por definição transitório. É a própria prática constante da virtude que produz bens duradouros e é isso o que Teano aconselha a Nicóstrate: não apenas que ela pratique a virtude no cuidado do marido, da casa, das servas e dos filhos, mas que faça tudo isso com uma disposição de boa vontade, ou seja,

fazê-lo não para obter a reputação de boa esposa, mas porque isso, sim, liberta. Quando tratar não só a cortesã, mas todos os inimigos, com boa vontade, Nicóstrate haverá de se livrar das paixões e da servidão que o ciúme lhe impõe, colocando-se, finalmente, na posição de autoridade de sua própria ação e até da ação do marido, se ele não estiver no mesmo patamar moral.

O que vemos, portanto, na base do argumento de ambas as cartas é a defesa da agência feminina e do imperativo da busca da virtude da harmonia. Essa, a meu ver, é a síntese de um pensamento que a antiguidade reconheceu em Teano como filósofa e a razão de seu reconhecimento como figura de autoridade. Seguem-se deste fim de promover a harmonia do ambiente duas consequências. Uma é a de que o discurso deve adaptar-se à situação de seu destinatário, promovendo seu aprimoramento dentro de suas circunstâncias. A outra é de que, se o casamento monogâmico ainda for a forma mais básica da relação social, ele não pode mais consistir em uma troca de presentes a fim de garantir os vínculos entre diferentes grupos. O casamento deve, ele mesmo, ser um ambiente de harmonia em que, livre da objetificação das mulheres, ambos possam praticar a virtude.

Referências bibliográficas:

BADER, Clarisse. *La femme grecque: étude de la vie antique: la femme dans les temps historiques*. Paris: Didier, 1872.

BRODERSEN, Kai. *Theano: Briefe einer antiken Philosophin*. Stuttgart: Reclam, 2010.

BONAZZI, Mauro. “Eudorus of Alexandria and the Pythagorean Pseudepigrapha”. In: CORNELLI, Gabriele; McKIRAHAN, Richard; MACRIS, Constantinos (org.). *On Pythagoreanism*. Berlin: Walter De Gruyter, 2013, p. 385-404.

BÜLOW-JACOBSEN, Adam. *Papyri Graecae Hauniensis, v.2: Letters and mummy labels from Roman Egypt*. Bonn: GMBH, 1981.

CENTRONE, Bruno. “The Pseudo-Pythagorean Writings”. In: HUFFMAN, Carl A. (ed.). *A History of Pythagoreanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 315-40.

DUTSCH, Dorothea M. *Pythagorean Women Philosophers: between belief and suspicious*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

HERCHER, Rudolf. *Epistolographoi hellenikoi: Epistolographi graeci, recensuit, recognovit,*

- adnotatione critica et indicibus instruxit Rudolphus Hercher. Paris: A. F. Didot, 1873.
- HUIZENGA, A. B. *Moral Education for Women in the Pastoral and Pythagorean Letters*. Leiden: Brill, 2013.
- LEFKOWITZ, Mary R.; FANT, Maureen. *Women's life in Greece and Rome: a source book in translation*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1982.
- MEUNIER, Mario. *Femmes pythagoriciennes*. Fragments de lettres de Théano, Périctioné, Phintys, Mélissa et Myia. Paris: L'Artisan du livre, 1932.
- MONTEPAONE, Claudia. *Pitagoriche: scritti femminili di età ellenistica*. Bari: Edipuglia, 2011.
- NAGY, Blasé. "The Naming of Athenian Girls: A Case in Point". In: *Classical Journal*, v. 74, 1979, p. 360-364.
- PLANT, Ian Michael. *Women Writers of Ancient Greece and Rome: An Anthology*. Norman: University of Oklahoma Press, 2004.
- POMEROY, Sarah. *Pythagorean Women: Their History and Writings*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2013.
- ROSENMEYER, Patricia A. *Ancient Epistolary Fictions: The Letter in Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- SNYDER, Jane M. *The Woman and the Lyre: Women writers in Classical Greece and Rome*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1989.
- STÄDELE, Alfons. *Die Briefe des Pythagoras und der Pythagoreer*. Meisenheim am Glan: Hain, 1980.
- THESLEFF, Holger. *Introduction to the Pythagorean Texts of the Hellenistic Period*. Åbo: Åbo Akademi, 1961.
- _____. *The Pythagorean Texts of the Hellenistic Period collected and edited*. Åbo: ÅboAkademi, 1965.
- WAITHE, Mary Ellen. *A History of Women Philosophers: Vol. 1, Ancient Women Philosophers, 600 B.C.–500 A.D.* Dordrecht: Martinys Nijhoff, 1987.
- ZELLER, Eduard. *Die Philosophie der Griechen in Ihrer geschichtlichen Entwicklung*. 2ª ed. Leipzig: Resiland, 1868. v. 3, 2.

Recebido em: outubro de 2023
Aprovado em: novembro de 2023